

AS
AVENTURAS
DO CARDEAL

[COM COMENTÁRIOS]

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

AS AVENTURAS DO CARDEAL [COM COMENTÁRIOS]

CONTATO:

Whatsapp Central de Ensinos Bíblicos com áudios, palestras e textos do Escriba de Cristo

Grupo de estudo no whatsapp

55 13 996220766 com o Escriba de Cristo

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo e ex-padre Anibal Pereira dos Reis,, [Central de Ensinos Bíblicos] 1969 –

*AS AVENTURAS DO CARDEAL [com comentários]
Itariri/SP, Livrorama
Bibliomundi, Amazon.com, 2022, 255 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798373554374 Edição 1º

1. Biografia
2. História
3. Ex-padre Aníbal P Reis
4. religião
5. Cardeal Agnelo Rossi

CDD 280

CDU 282

Conteúdo

INTRODUÇÃO	5
UM “IRMÃO” NA CAMA DE CASAL	6
O PERFIL DE OUTRO CARDEAL.....	19
OS DEMÔNIOS DOS VENTOS CONTRÁRIOS	28
OUTRAS AVENTURAS DO DESESPERADO CARDEAL	33
DESMASCARADAS AS AVENTURAS DO CARDEAL.....	40
O CARDEAL SURPREENDIDO COM A BOCA NA BOTIJA	50
AINDA O CARDEAL APANHADO NO PULO	61
O NÓ GÓRDIO DA QUESTÃO.....	68
POR QUE O CARDEAL NÃO MANDA BRASA?.....	72
OUTRA VEZ O CARDEAL AVENTUREIRO EM CENA	77
IGREJA CATÓLICA – ANTRO DE GAYS	86

INTRODUÇÃO

Este livro poderia ser intitulado ex-padre Aníbal Pereira dos Reis X cardeal Agnelo Rossi. Todo o conteúdo do livro gira em torno de como o ex-arcebispo de São Paulo e depois cardeal da Igreja Católica tramou para destruir o testemunho do ex-padre Aníbal, mas um amigo de Aníbal que ainda era do clero Roma entregou uma carta que mostrava que Agnelo Rosso e Dom Evaristo Arns, famoso arcebispo de São Paulo conjecturavam como deter o testemunho de Aníbal Pereira dos Reis, pois Aníbal se tornou um profícuo escritor contra as doutrinas católicas. Eu mesmo em 1985 me converti a fé evangélica e os livros de Aníbal foram fundamentais para alicerçar minha fé. O mais escandalizante deste livro é a fábula contada por Aníbal, logo nas primeiras páginas em que aponta os encontros sexuais de um certo cardeal, claramente se referido a Agnelo Rossi, que nunca o processou por isto, uma vez que Aníbal não diz nominalmente que se tratava do cardeal Rossi.

UM “IRMÃO” NA CAMA DE CASAL

Esperto e sabido como ele só. Financista de mão cheia. Bom papo. Gente fina!

No púlpito, sua eloquência de voz de barítono extasiava o auditório. Sua palavra fácil iluminava céus de estrelas, coloria arrebóis, espalmava pétalas de rosas, recendia delicados perfumes...

Olhos azuis de olhar profundo. Lábios bem recortados nas faces coradas perpetuavam permanente e discreto sorriso.

Mãos bem torneadas de dedos delicados e longos com o anular direito enriquecido de preciosa gema no anel prelatício.

Postura retilínea e imponente completada com vasta cabeleira. O “pão” das moças apaixonadas e românticas!

Ufanava-se o Cardeal Buffoni de ser a atração nas rodas femininas da *society*.

Arcebispo de uma arquidiocese de território grande e zona rica de agricultura. Cinquenta e tantas paróquias sob a sua jurisdição espalhadas e distantes a lhe exigir frequentes viagens.

Chegou a vez de Jardinândia receber sua visita pastoral.

Informado da má notícia, arreliou-se o vigário.

– Que diabo! Duas desgraças num ano só: as enchentes de janeiro que arrasaram as lavouras com incalculável prejuízo da festa de “são” Sebastião e agora a visita do bispo! Era só o que faltava!

Urgia pôr tudo em ordem a principiar pelos livros de batizados, de óbitos, de casamentos. Tudo em atraso porque a Jerusa, aquela relaxada que, depois de solteirona, resolveu namorar pra valer. Namoro de envergonhar as sombras das árvores do jardim da matriz nas noites de fim de quarto minguante. A danada caiu na boca do povo, apesar de manhã bem cedo estar no templo a cumprir a devoção da missa e comunhão diárias.

Toca o vigário a varar longas horas noturnas na tarefa de passar a limpo nos livros competentes todos aqueles registros atrasados.

A todo vaporurgia deixar tudo em absoluta ordem.

– O tempo passa depressa. E agosto chega logo – considerava o pároco.

E chegou...

A cidade em peso baixou na praça da matriz para receber o cardeal arcebispo. Foguetório. Banda de música. Os vigários das cidades vizinhas acompanhados de comitivas. Autoridades. Repiques de sinos. Pessoas gradadas nas escadarias do templo. Bandeiras das associações religiosas. E o discurso do prefeito municipal com a entrega da chave simbólica a sua eminência.

Discurso empolado. Em estilo gongórico. Entrecortado pelas palmas iniciadas e incentivadas pelo vigário, solícito em bem impressionar o prelado.

Pobre vigário! De tão atarefado e emaranhado em tantas picuinhas do complicado ritual canônico que se esqueceu de um objeto importante da ocasião.

De tudo se lembrara. Ali se perfilavam os acólitos embatinados de vermelho. Na mão de um deles a caldeirinha de água benta com o respectivo hissope. Na de outro, a almofada macia no tecido rico e

preciosamente bordada de domínio da madame Eneida Tranqueira, de família abastadíssima de fazendeiros. Doutra madame de idêntico estofo econômico-social o tapete estendido para sua eminência pousar seus pés calçados em macios sapatos de fivelas de prata.

Tudo em ordem!

Persignara-se o cardeal com o hissopo a pingar água benta. Asperge os circunstantes.

E quando o acólito se prostra a oferecer a almofada para sua eminência genuflectir... o vigário dá pelo esquecimento do crucifixo.

– Caramba! E agora? – resmungou.

Na exata hora do cardeal beijar oficialmente o crucifixo, é que dele se lembra... Um horror!

– Perdão, eminência – tartamudeou o coitado.

Ampliou o sorriso o arcebispo e tranquilizou o pároco:

– Doutra vez você não esquecerá.

Concluídas as solenidades da instalação oficial da visita pastoral, seguiu-se o banquete.

O amplo salão do Clube de Jardinândia regorgitava de gente. Só pessoas gradas. Realçavam-se

os decotes amplos em vestidos da última moda. Sucediam-se os pratos de iguarias requintadas. Tilintavam os copos nos gargalos das garrafas de capitosos vinhos.

A pose do cardeal por si só bastava para retribuir as mesuras contínuas dos fiéis embevecidos com a personalidade do seu hierarca, um belo espécime de homem burguesmente cultivado.

Sentia-se compensado o vigário. O banquete fora completo. Tudo na mais perfeita ordem. Até o presidente da Câmara Municipal, etilista de proa, soube conter-se, bebendo o mínimo.

O discurso do Jamil, presidente do Rotary, ao erguer o brinde de boas-vindas ao eminente visitante, no fim do regabofe, foi discreto em suas afirmações e de apenas oito minutos.

A palavra do purpurado extravasou-se de simpatia e galanteios “a esta sociedade cristã de Jardinândia”.

Os ponteiros dos relógios assinalavam cinco para uma da madrugada quando o vigário abriu a porta da casa paroquial a fim de hospedar a ilustre visita cortejada

de dois sacerdotes e dois “irmãos” leigos (o Sandro e o Eduardo).

– Eminência – silabou o vigário, – por caridade, se faltar alguma coisa, reclame e, por antecipação, peço-lhe, perdoe-me. Creio que tudo está em ordem. Pelo menos, esforcei-me nesse sentido.

E, com efeito, quisera contentar em tudo o seu hierarca. Conhecia-lhe os gostos e os hábitos. A tudo ocorrera com esmero. Inclusive a cama de casal solicitada por sua eminência às vésperas da visita pastoral. E com um belo colchão de molas.

Chegados à casa paroquial, exaustos da extensa programação e do lauto banquete, apressavam-se todos em busca do leito.

O vigário a cada um indicava o quarto. A cada sacerdote um aposento separado. O da frente da casa, dotado de instalações higiênicas próprias, destinava-se ao cardeal-arcebispo. Os dois “irmãos” leigos ficariam num quarto só. E o vigário lá nas dependências dos fundos, próximas da cozinha, o cômodo dos trastes da casa.

A canseira em excesso e as preocupações afugentavam-lhe o sono. Mal se deitara, decidiu levantar-se. *Dar uma olhada pelas portas nunca é demais...*

Notou entreaberta a porta do quarto do cardeal. Pensou encostá-la.

Decidiu deixá-la ficar assim. Talvez sua eminência sentisse muito calor, embora a temperatura ambiente estivesse na marca dos 15 graus.

Pé ante pé, voltou à sala das refeições. Às escuras, sentou-se na cadeira junto da janela semiaberta.

Ficou ali absorto em seus pensamentos e a reprimir-se pelo esquecimento do crucifixo. Em sua mente perpassavam o altar e os apetrechos dispostos em seus próprios lugares para a missa da manhã seguinte. Que nada faltasse, augurava o preocupado sacerdote.

Um movimento de porta o arrancou dos pensamentos. E do quarto dos “irmãos” leigos, a passos de setim, saiu o Sandro.

Sem supor a presença de alguém que o pudesse observar, na maciez dos seus passos, prosseguiu corredor adiante e penetrou nas dependências do cardeal, cerrando a porta e dando volta à chave.

Estupefato, mal podia o pároco conter suas interjeições de assombro. *O que fora fazer lá o “irmão” Sandro?*

Passaram-se as horas. Às seis horas levantar-se-ia o prelado. Às cinco horas e trinta minutos, outra vez a deslizar cauteloso, retorna o “irmão” ao seu quarto.

Por quase 4 horas permanecera o Sandro nos aposentos cardinalícios. Tempo bastante para o vigário, nas suas rumações e suspeitas, recordar-se da recomendação do arcebispo quanto à cama de casal. Lembrou-se do custo do colchão de molas, do seu cuidado até quanto à cor dele. De havê-lo experimentado para verificar se alguma mola estava mais saliente com o risco de incomodar as costas do prelado.

Essa não! O cardeal quis a cama larga para se esquentar nas carnes do Sandro, sendo, outrossim, verdadeira a recíproca.

Todas as noites a cena se repetiu...

Jamais lhe enganara aquele “irmão”. Logo que o conhecera, o vigário suspeitou dele. Aqueles gestos. O esmero exagerado nas roupas. A maneira de se sentar.

Os requebros no andar. É verdade que o moço procurava reprimir-se.

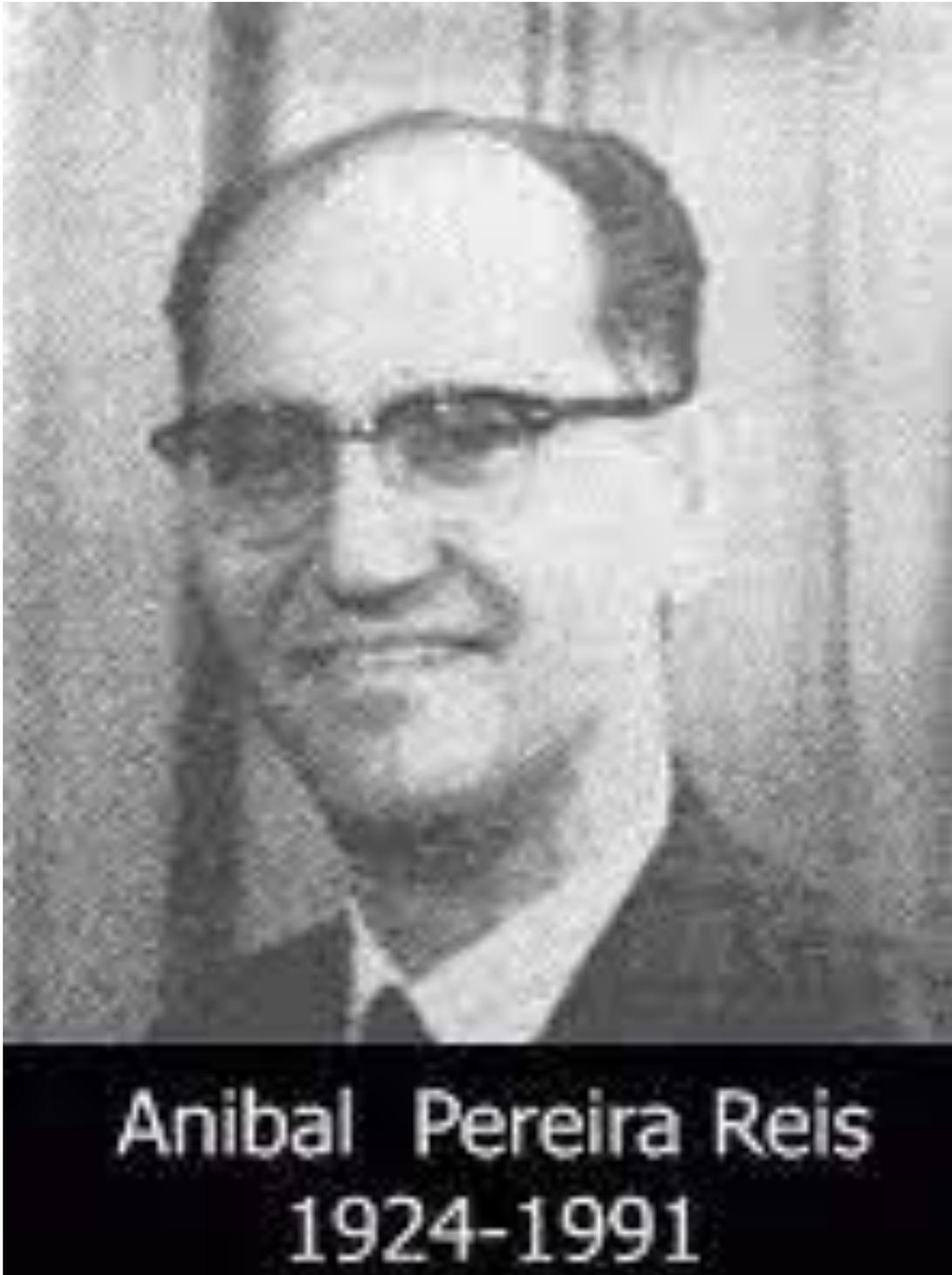
Estranhava também o desvelo com que sua eminência o tratava.

Agora os seus pressentimentos se concretizavam numa brutal e escandalosa realidade.

Os seis dias daquela visita pastoral corriam numa pachorra de extrema e irritante indolência.

Já o pároco não se absorvia em preocupações com os pormenores dos programas e dos aprestos do ritual.

Tudo transcorria normalmente dentro dos trâmites da liturgia. Os banquetes se sucediam para regalo do requintado paladar do cardeal.



Aníbal Pereira dos Reis, a quem devo muito conhecimento sobre o catolicismo romano.

Satisfeito em todos os sentidos físicos, sua eminência cumpria as prescrições canônicas de sua incumbência de bispo visitador da paróquia. Nem desconfiava de estar o vigário ao corrente de suas aventuras com o Sandro.

Pertencia o moço a uma congregação ou sociedade de “irmãos” leigos destinados ao cuidado dos palácios episcopais e das casas paroquiais.

Com efeito, no catolicismo romano há uma enorme série de ordens e de congregações religiosas de frades, de freiras e de padres. Cada uma tem uma finalidade específica. O trabalho em hospitais. A direção de orfanatos. O magistério escolar. Educandários. Missões. E muitos outros e os mais variados objetivos.

Muitos anos passados, certo sacerdote, o “padre” Trabuqueiro, decidiu fundar uma congregação com o propósito de servir os bispos e os párocos. Seus membros não se ordenariam sacerdotes. Seriam apenas “irmãos” leigos com o voto de celibato, ou seja, assumiriam o compromisso de não se casarem.

Após o competente preparo no convento, passariam, de dois em dois, a morar nos palácios dos bispos e nas casas paroquiais. O principal trabalho seria o de atender a pessoa do bispo ou do pároco.

De fato, conforme os desejos do “padre” fundador, em tudo são assaz caprichosos. Tudo sabem fazer. Desde arrumar uma mesa conforme exige o figurino até dirigir as mais intrincadas solenidades religiosas. Ótimos motoristas e mãos de pluma no aplicar injeção.

O bispo ou o pároco contemplado com a dedicação desses “irmãos” está muito bem acompanhado.

O “padre” Trabuqueiro tivera muita sorte em seus intentos. De seu lado sempre estiveram todos os demônios, embora não lhe faltassem muitas vezes alguns dissabores.

O seu vício predominante assemelhava-o ao “irmão” Sandro. Guindara-o a sorte a uma polpuda capelania e à elevada função de secretário de Estado de famoso governador.

Corroboraram-lhe os propósitos os demônios e pôde o Trabuqueiro adquirir uma fazenda de imensa

gleba onde instalara a sede de sua congregação de “irmãos” leigos. Sua luxuosa residência é a meta dos bispos e vigários que se revezam na busca dos “irmãos”, sempre de número escasso em vista das muitas solicitações.

O “padre” Trabuqueiro, espertalhão, jamais deixava de atender um hierarca bem posto nos escalões clericais, certo de ter nele um anteparo e um aval na eventualidade de denúncias contra os seus desmandos. Cada magnata da mitra contemplado com a presença de seus “irmãos” leigos se constituía em seu padrinho certo nas horas incertas.

O Cardeal Buffoni fora um felizardo por obter pronto beneplácito a seu pedido cheio de exigências quanto às qualificações dos “irmãos” que deveriam servi-lo. Se o “irmão” Eduardo até as cartas lhe datilografava, o “irmão” Sandro saciava-lhe as aventuras. Que outra vida poderia desejar? Se a sua consciência se embrutecera nos vícios e se a sua vaidade se sentia realizada no elevado *status* de cardeal, o que mais lhe faltava?

.oOo.



O ex-padre Aníbal desmascarou o cardeal Agnelo Rossi no caso do plágio de um livro que Agnelo traduziu e publicou como sendo o autor.

O PERFIL DE OUTRO CARDEAL

Outro é o personagem dos próximos capítulos. Deixemos o Cardeal Buffoni com o seu querido Sandro a visitar as paróquias da sua arquidiocese instalada numa área do globo terrestre.

Das repugnantes aventuras de Buffoni passemos a conhecer as macabras façanhas de outro purpurado.

Buffoni é uma figura fictícia, bem como fictício é o caso narrado. Mas, *se no é vero é bene trovato*.

[O ex-padre Aníbal Pereira dos Reis está contando um caso verídico, mas como não queria responder um processo, ele representou o personagem “cardeal Buffoni” para contar um fato histórico. Muitos escritores usam a fábula para se livrar de perseguições e ações de interpelação judicial].

O nosso personagem agora é o Cardeal Agnelo Rossi. Personagem real. De carne e osso. Corpulento. De gestos grosseiros. Perfil comum. Olhos escondidos em lentes grossas de óculos de grossos aros.

Necessária a lembrança dos seus antecedentes se se quiser entender as suas proezas registradas nas páginas seguintes.

Fez o seu curso de teologia em Roma para se imbuir mais fortemente da mentalidade inquisitorial de sua seita. Ordenado sacerdote em março de 1937, apesar de reduzida bagagem intelectual, veio a ser professor do